

MAURICE GAMELIN

Por Reinaldo V. Theodoro



Generalíssimo Maurice Gamelin

Certa vez, alguém disse que somente a Rússia poderia produzir um monstro como Stálin. Da mesma forma, somente a França pós-Grande Guerra seria capaz de produzir um comandante tão inepto quanto Gamelin.

Maurice Gamelin era o comandante das forças aliadas quando a Alemanha atacou a França e os Países Baixos em maio de 1940. Além disso, ele teve grande influência em todo o pensamento militar francês nos anos 30, sendo responsável direto por uma série de equívocos militares dos mais gritantes, cujo desfecho apropriado foi o desastre que se abateu sobre a França.

Maurice Gamelin nasceu em Paris em 20 de setembro de 1872 e desde cedo se evidenciou por sua inteligência. Estudou na famosa academia militar de Saint-Cyr e começou a sua carreira de oficial na África do Norte, no 3º Regimento de *Tirailleurs* argelinos. Retornou à metrópole em 1897, em preparação para o concurso para a *École de Guerre*. Aprovado na 8ª colocação, sairia de lá com a 2ª. Ele estagiou no Estado-Maior do 15º Corpo-de-Exército e já deixava transparecer que teria uma carreira brilhante. Em 1904, saiu do serviço de Estado-Maior e passou para um comando de tropa (15º Batalhão de *Chasseurs*¹), sempre atraindo a admiração de seus superiores. Em 1906, ele publicou "*Étude Philosophique sur l'Art de la Guerre*" (Estudo Filosófico sobre a Arte da Guerra), que teve lugar nas bibliotecas dos maiores pensadores militares de seu tempo.

Nesse ano, ele foi promovido a Capitão e se tornou ordenança do General Joffre, então comandante da 6ª Divisão de Infantaria. Essa nomeação

deveu-se à intervenção do então Tenente-Coronel Foch, que era professor na *École de Guerre*. Em 1908, ele serviu no Estado-Maior do 2º Corpo-de-Exército e, em 1910, no Conselho Superior de Guerra. Ele foi nomeado comandante do 11º Batalhão de *Chasseurs* em 1911, quando se separa temporariamente de seu chefe. Em 23/03/14, termina a separação, pois Joffre solicita os serviços de Gamelin no Estado-Maior Geral.

Gamelin era um colaborador devotado de Joffre ao se iniciar a 1ª Guerra Mundial. Logo conquistou uma reputação de eficiência, em particular durante a Batalha do Marne. Gamelin tornou-se célebre por haver previsto a manobra do "Plano Schlieffen" alemão. A 01/11/14, foi promovido a Tenente-Coronel e deixou o G.Q.G. para assumir o comando da 2ª Brigada de *Chasseurs*, combatendo com ela na Alsácia e no Somme. Foi promovido a Coronel em abril de 1916 e General de Brigada em 08/12/16. Após um breve retorno ao G.Q.G., ele tornou-se Chefe de Estado-Maior do Grupo-de-Exércitos da Reserva. Em 11/05/17, ele assumiu o comando da 9ª Divisão de Infantaria, posto no qual permaneceria até o fim da guerra. Durante a ofensiva alemã de 1918, ele lançou a sua divisão no front britânico em franca desagregação e salvou uma situação quase desesperada. Foi muito admirado por poupar a vida de seus homens e de possuir grande habilidade tática.

Após a guerra, Gamelin foi nomeado Chefe da Missão Militar francesa no Brasil. Em dezembro de 1924, ele retornou à França. A 02/09/25, ele foi para a Síria como comandante das tropas do Levante. Lá ele obteve brilhantes sucessos que contribuíram para recuperar a situação então precária por ocasião de sua chegada. Voltou para a Metrópole em 1928 e se tornou General de

¹ "Caçadores".

Corpo-de-Exército e grande oficial da Legião de Honra. Em fevereiro de 1929, foi nomeado comandante do 20º Corpo-de-Exército. Nos anos seguintes, ele foi designado Sub-Chefe do Estado-Maior Geral, sob as ordens do General Maxime Weygand.

Em 09/02/31, Gamelin substituiu Weygand como Chefe do Estado-Maior Geral. Ele assim passou a integrar o Conselho Superior de Guerra e a travar contato com as artimanhas dos políticos e do governo. Após mais quatro anos de trabalho com Weygand, ele lhe sucedeu em janeiro de 1935². Nesse período, Gamelin promoveu a expansão da Linha Maginot.

Ele então foi nomeado Inspetor-Geral do Exército e Vice-Presidente do Conselho de Guerra, tornando-se então o comandante de fato do Exército francês e, como tal, o responsável por todas as suas ações até a 2ª Guerra Mundial. E durante os sucessivos governos, ele manteve-se numa posição de primeiro plano, influenciando decisivamente a atitude francesa diante das ditaduras que a confrontavam.

A França havia substituído uma estratégia de ação militar por uma de alianças, buscando lançar aliados contra a Alemanha. Em 1934, foi feita uma aliança com a Rússia. No ano seguinte, com a Inglaterra e a Itália. Mas a dependência de coalizões acabou levando a uma bancarrota política e moral em Munique, em 1938.

Gamelin revelou-se um grande diplomata, apreciado inclusive pelos britânicos. Porém, tornou-se um personagem inerte diante dos grandes desafios que a França enfrentou no final dos anos 30: a remilitarização alemã da Renânia, a crise de Munique e a crise polonesa. Preferindo sempre temporizar, administrar suscetibilidades, menos-cabar obrigações geradas por alianças e economizar seus recursos militares, ele favoreceu a política timorata dos governantes da 3ª República diante das agressões de Hitler.

Por ocasião da crise da Renânia, em 1936, quando Hitler enviou uma força militar simbólica para a área então desmilitarizada pelo Tratado de Versalhes, os governos francês e britânico discutiram a atitude a tomar. Na ocasião, Gamelin explicou que a idéia de enviar rapidamente uma força expedicionária francesa, mesmo que simbólica, era uma quimera, pois simplesmente não existia tal força. Ele teria dito que “nosso sistema militar não providenciou uma” – como se ele não tivesse nada a ver com isso. Apesar disso, em 1936 a França ainda poderia derrotar sozinha a Alema-

na. Quatro anos depois, a França e a Grã-Bretanha juntas seriam derrotadas por ela.

Cabe a Gamelin uma grande responsabilidade pelo abandono da Tchecoslováquia pela França em setembro de 1938, violando o princípio de alianças militares, mantendo o Exército francês inativo, a despeito de acordos assinados de assistência mútua.

Nas questões puramente técnicas, sua atitude equivocada e falta de visão teriam crucial importância para levar a França ao grande desastre. Os relatórios de seus adidos militares em outros países não recebiam o menor crédito. As informações sobre os pára-quedistas russos e as divisões blindadas alemãs não tiveram qualquer influência em sua mentalidade conservadora, passiva e meticulosa.

Gamelin esposava a teoria de que o tanque devia ser usado em pequenos grupos para o apoio da infantaria e não concentrados como uma força autônoma. Em função disso, os tanques franceses não eram organizados em grandes formações, mas espalhados, o que negava a eles muito do seu potencial.

Da mesma forma, ele menosprezava estupidamente o poderio aéreo. Alertado de que a França não tinha aviões na quantidade necessária para a guerra, ele respondeu: “Não temos aviões suficientes? Então faremos a guerra sem eles!”.

Quando a guerra começou, em setembro de 1939, Gamelin foi responsável por outro fracasso francês. Encarregado de lançar uma ofensiva contra a Alemanha em apoio aos poloneses, ele realizou uma tímida incursão no Sarre, que foi logo detida e mandada retornar, perdendo assim uma grande oportunidade de causar um golpe fatal na Alemanha e no nazismo – a única que ele teria. Mais uma vez, ele temporizou, hesitou e preferiu a passividade, condenando a Polônia à terrível ocupação nazista e o mundo à sua maior guerra. O período que se seguiu, conhecido na França como *La Drôle de Guerre*, também demonstrou suas deficiências como Comandante-em-Chefe. Temendo represálias, ele foi contra qualquer idéia de ações bélicas contra o território alemão: o bombardeio do Ruhr, a “Operação Royal Marine” (o lançamento de minas no rio Reno), etc. Demonstrava mais entusiasmo quando se tratava de levar a guerra para bem longe da França: Finlândia, Noruega e até na Criméia³!

De seu QG, estabelecido no Forte de Vincennes, Gamelin tornou-se um eremita, afastado das realidades da guerra. Ele não tinha comunicação via rádio, por considerá-la insegura. Além disso, sua

² O mais indicado para o posto era o General Alphonse Georges, mas o Primeiro-Ministro Edouard Daladier considerava-o muito “de direita” e nomeou então Gamelin.

³ Esta idéia é ainda mais absurda quando lembramos que a URSS, embora aliada da Alemanha, não estava em guerra com a França.

rivalidade com o General Georges, comandante da Frente Nordeste e seu subordinado direto, emperrava a cadeia de comando francesa.

A partir de 10/05/40, com a invasão alemã, Gamelin revelou-se sempre ultrapassado pelos acontecimentos. Incapaz de se adaptar a uma guerra móvel, ele teve pouca ou nenhuma influência no desenrolar das operações, cabendo ao seu rival, o General Georges, intervir com muito mais consistência.

A 19/05/40, ele foi substituído por Weygand, mas então já era tarde demais. A falta de um verdadeiro chefe militar nos anos críticos de 1936 a 1940 agora dava seus frutos, com a total derrocada da França, que agora teria que amargar quatro anos da terrível ocupação nazista.

Ele foi preso pelo governo de Vichy em 06/09/40, acusado de ser um dos responsáveis pela derrota francesa. Gamelin compareceu a 19/02/42 diante do Tribunal de Riom⁴. Ele então declarou: "A derrota de 1940 havia sido o resultado final de toda a política interna e externa da França desde 1919... toda a nação havia pago por tantos erros acumulados". Não houve sentença.

A 11/04/42, ele foi novamente preso, dessa vez pelos alemães, e, no ano seguinte, deportado, junto com outras personalidades políticas, de início para a fortaleza de Buchenwald e depois para o Tirol. Foi libertado em maio de 1945 pelas tropas americanas.

Voltando à França, Gamelin abandonou a vida pública. Daí até a sua morte, procurou sempre justificar seus atos, inclusive diante de uma comissão de inquérito e em suas memórias, publicadas em 1946 com o sugestivo título "Servir".

Gamelin faleceu em Paris a 18/04/58. Sua sepultura está localizada no cemitério de Passy, em Paris.

Maurice Gamelin faz parte de um grupo de homens que é exclusivamente associado a um determinado período histórico, em detrimento do restante de suas carreiras. Neste caso, o seu nome é imediatamente associado à catastrófica campanha de maio-junho de 1940, eclipsando toda uma brilhante carreira que o levou à testa do até então maior conjunto de exércitos do mundo. Era, sem dúvida, uma personalidade complexa, insondável, brilhante e dotada de uma grande cultura. Distante da tropa, nunca teve a popularidade de um Joffre ou de um Pétain. Sua falta de carisma e a sua incapacidade em se adaptar às mudanças de seu tempo fizeram dele um dos principais responsáveis por tudo o que se seguiu

e, ao mesmo tempo, um modelo do espírito da própria França em 1940: irresoluto, passivo, a-fundado em maquinações políticas e desinteressado da guerra.

O Exército francês havia entrado na 1ª Guerra Mundial com a crença de que somente a ofensiva podia levar à vitória. Disso resultou um morticínio indescritível (1.300.000 homens, ou 10,5% da população masculina economicamente ativa). Os homens que dominaram o pensamento militar francês nos anos 20 e 30 (e Gamelin era um deles) passaram a considerar as maiores vantagens da defensiva, com o forte argumento da óbvia necessidade de poupar vidas.

O Estado-Maior francês entendia que a maior fraqueza da França era a concentração da sua indústria no norte do país. Eles planejaram penetrar profundamente na Bélgica no início da campanha para estabelecer posições defensivas o mais longe possível da fronteira (o famoso "Plano Dyle"). Uma vez que a infantaria estivesse entrenchada, a artilharia e os canhões anti-tanques seriam capazes de infligir pesadas baixas aos atacantes. Ofensivas francesas, quando ocorressem, seriam cuidadosamente planejadas. A estratégia aliada baseava-se na inexpugnabilidade da Linha Maginot e em manter uma frente contínua contra os alemães na Bélgica. A chamada "Variante Breda", em que os aliados foram lançados ainda mais longe, para a Holanda, drenou o 7º Exército francês, a sua última grande reserva.

Uma olhada na disposição das forças aliadas em maio de 1940 é muito elucidativa: o 2º Grupo-de-Exércitos, constituído pelos 3º, 4º e 5º Exércitos e que defendia quase toda a Linha Maginot (das Ardenas até próximo da fronteira suíça) e o 3º Grupo-de-Exércitos, composto unicamente pelo 8º Exército e que defendia o restante da Linha Maginot e a fronteira suíça, totalizavam entre si o equivalente a 48 divisões. O 1º Grupo-de-Exércitos, a nata das forças aliadas, era composto pelos 1º, 2º, 7º e 9º Exércitos, mais a Força Expedicionária Britânica. Essa força contava com 30 divisões, incluindo duas das três divisões blindadas francesas e todas as suas divisões motorizadas. Portanto, a Linha Maginot, que, como linha fortificada, seria capaz de propiciar uma considerável economia de tropas, estava guarnecida por nada menos que 56% das forças disponíveis à Frente Nordeste em maio de 1940. O 1º Grupo-de-Exércitos se precipitaria pela Bélgica ao primeiro tiro e ao 9º Exército caberia o papel de "dobradiça", cobrindo a frente das Ardenas, ao lado do 2º Exército. Ambos tinham escassez de unidades móveis e não tinham divisões blindadas. Também tinham uma alta proporção de tropas de 2ª classe, acima da idade, com moral baixo e com insuficiência de equipamento moderno. Enquanto

⁴ Os processos de Riom destinavam-se a estabelecer culpados pelo desastre de 1940. De fato, ele serviria para desmoralizar o regime republicano e as lideranças socialistas do período de pré-guerra.

isso, ficavam em reserva apenas 7 divisões, incluindo a recém-criada 3ª Divisão Blindada francesa. Ainda assim, essa minguada reserva estava postada a leste do ponto de ruptura alemão no Mosa, cobrindo a retaguarda da “inexpugnável” Linha Maginot, o que significa que ela não poderia intervir a tempo em Sedan ou Dinant quando se tornou necessário. Não é para menos que alguém tenha dito: “Se Gamelin soubesse das intenções alemãs, ele não poderia ter disposto suas forças de modo mais conveniente para o inimigo”.

A idéia preconcebida de Gamelin, de que a região das Ardenas era impassável para grandes forças, foi um dos fatores preponderantes para o desastre que logo se abateria. Quando os Panzers de Guderian irromperam exatamente ali, não havia reserva estratégica nenhuma para ser lançada contra eles. Gamelin também não foi capaz de explorar a evidente fragilidade do flanco esquerdo alemão, quando suas forças móveis foram lançadas para a costa, cercando as forças aliadas na Bélgica. Os ataques franceses, quando ocorreram, foram descoordenados e prejudicados pela falta de apoio aéreo.

Excelente oficial, notável personagem da Grande Guerra e, no final de sua carreira, um péssimo Comandante-em-Chefe. Generalíssimo das forças armadas francesas na 2ª Guerra Mundial, era um dos generais mais intelectuais de seu tempo, respeitado até na Alemanha. A despeito de tudo isso, a sua atuação no comando das forças aliadas em 1940 é difícil de descrever sem usar a palavra “incompetente”.

Como uma pessoa com o currículo e a reputação de Gamelin foi capaz de cometer tantos e tão escabrosos erros, claros até mesmo para um leigo em assuntos militares, é um assunto dos mais polêmicos. Uma linha de abordagem das mais usadas é a da política. Como muitos militares de alta patente de seu tempo, Gamelin não estava satisfeito com a situação política de seu país. A 3ª República estava nas mãos de um governo socialista, o que não agradava aos militares, ainda saudosistas dos tempos da monarquia. O regime parlamentarista republicano também havia produzido um sistema de conchavos entre partidos e uma cultura de que podia ser mais interessante desmoralizar o adversário político do que efetivamente vencer eleições. A vitória na guerra uniria o país, o que fortaleceria os partidos então no poder. Mas a derrota traria em seu bojo muitas recriminações e bodes expiatórios para

serem execrados, desmoralizando e enfraquecendo diversas forças políticas.

Praticamente todos os partidos eram contra a guerra. O Partido Socialista havia se empenhado nos anos 20 e 30 em negociações de paz e de desarmamento. O Partido Comunista, que seria naturalmente contra os regimes nazi-fascistas, praticou uma oposição relutante e causou sérios problemas quando da declaração de guerra. Na ocasião, iludidos com o Pacto Nazi-Soviético de agosto de 1939, seus partidários declaravam que a guerra contra a Alemanha era essencialmente imperialista e contrária aos interesses do operariado. Por outro lado, muitos políticos de direita também se declaravam contrários à guerra contra o país que adotava um sistema político que eles admiravam. Como um país poderia vencer uma guerra com tal desunião e oposição interna?

Assim, seria natural que homens criados segundo um código de obediência hierárquica – os militares – se ressentissem de servir a essa balbúrdia e a idéia de que uma intervenção estrangeira (mesmo que alemã) poderia ajudar a França a se livrar desse mal tinha muitos simpatizantes. Embora não existam provas de que Gamelin seria um deles, não foi à toa que, quando o Primeiro-Ministro francês Paul Reynaud lhe escreveu dizendo “Apenas uma coisa é importante – a vitória”, ele imediatamente respondeu: “...só a França é importante!”

Incompetência ou desejo de destruir o sistema político viciado e corrupto de seu próprio país? Quem poderia responder?

Se for a primeira, Gamelin tornou-se escravo de idéias preconcebidas e revelou-se incapaz de aceitar novas realidades. Acreditava realmente que a 2ª Guerra Mundial seria uma repetição da 1ª, uma guerra de atrito, da qual sairia vencedor aquele que conservasse intacto o seu último batalhão. Se isso foi fatal para um homem e para toda uma nação há 60 anos atrás, pode-se imaginar as conseqüências de erros similares no mundo de hoje, em que as sociedades e a tecnologia evoluem com tal rapidez que idéias podem se tornar obsoletas antes mesmo que sejam compreendidas.

Se for a segunda, Gamelin tornou-se o melhor exemplo do que pode acontecer quando militares deixam de lado suas obrigações profissionais e passam a se imiscuir na imundície do mundo da política. E nós, brasileiros, já vimos esse filme, não faz muito tempo...